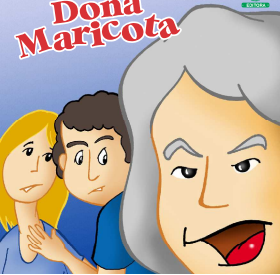


# CONTOS DO **Pai Benedito**

Nº 4 - Junho de 2010



## **Dona Maricota**



# CONTOS DO **Pai** **Benedito**

## **Dona** **Maricota**

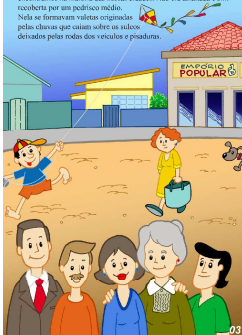


*Será que sabemos falar ao  
nosso semelhante?*

*Será que somos verdadeiros  
ao conversarmos com nossos  
amigos?*

*Esse conto é uma reflexão que  
devemos fazer diariamente.*

A rua Campos Salles era uma rua igual a muitas que ainda encontramos na maioria das nossas cidades. Não era asfaltada e sim recoberta por um pedrisco médio. Nela se formavam valetas originadas pelas chuvas que caíam sobre os sulcos deixados pelas rodas dos veículos e pisaduras.



Na rua Campos Salles ficava o empório Popular do senhor Honório, grande comerciante que já armazenava bens de consistência e estabilidade. Homem provedor de cadernetas, onde os dados eram somados ao montante da conta a pagar. Com muita facilidade, o número três passa a ser oito, quando do acerto das cadernetas no final de cada mês. Toda a vizinhança da rua e arredores se servia do Empório Popular.

No número 1306 da rua, morava dona Maricota, mulher de cinquenta e seis anos, quadro filhos, dentre os quais Dodô. Viúva a mais de vinte anos, lavava roupas, costurava e fazia qualquer serviço de lar. Casas pobres vizinhas tinham sua residência, onde o branco prevalecia ao contrastar com o verde da horta, cuidadosamente cultivada pelos meninos Celso e Pedro.

Os dias passavam. Dona Maricota era, além de prestimesa, mulher com muita força de trabalho que lavava e passava roupas para fora, serviço pesado, mesmo com o auxílio da filha Dirce que a ajudava todas as tardes, pois estudava pela manhã. O dia era pequeno para a família, pois os afazeres preenchiam todas as horas de descanso diurno.

Dona Maricota era uma pessoa boa, muito prestativa, porém sabia da vida de todos e tinha o péssimo costume de falar a respeito. Na realidade era a maior fofoqueira do bairro. Quando o senhor Manoel, o barbeiro da rua, queria saber das novidades, bastava se aproximar dela e questioná-la a respeito das suas dívidas, que na sua barbearia não certificava.

As confirmações eram imediatas e com ligeira precisão, sempre a respeito de coisas que não presenciava e tinha a maldade como o grande tempero.

Formou o filho Celso em direito, assim como o filho Pedro e sua filha Dirce em serviços sociais. Estamos no ano de 1949. O filho Dodô, já com vinte e cinco anos de idade, mas mentalidade de quinze, tinha características finas, cabelos pretos tombados para trás, bigode fino, olhos de cidadão perfume. Ele tinha costumes extravagantes e um egoísmo dos mais acentuados, pois quando entrava no único banheiro da casa não havia quem o removesse de lá. Pois além do seu banho demorado, mantinha um hábito narcisista de cuidar da fisionomia, como o de repassar exaustivamente os seus cabelos tombados para trás.

Chegavam muitas vezes, a derrubar a porta do banheiro, porque Dodô de lá não saía, nem ao menos respondia aos apelos de Dirce para que o desocupasse. Além de ser o único da casa, de quando em quando entupia. Dodô por ter dificuldades de raciocínio e boa vontade, gozava do privilégio da mãe.

*Dona Maricota* tinha os seus predicados positivos, mas nos negativos exalava maldade ao próximo, em grande desrespeito cristão. Ela criava com grande facilidade fatos fictícios, reproduções variadas, sempre atacando a moral dos pobres inocentes com julgamentos



preconceituosos, atribuindo a eles perfis de personalidade dos mais absurdos, com doses maciças de maldade.

Ela conservava a mentira e os exageros na mais profunda inconsciência e inconseqüência. Certo dia foi depor na delegacia pois, lhe pesavam acusações de calúnia. Lá ficara desconcertante, negando tudo.

E assim continuava combinando mentira com fantasia.

Um dia ela foi à igreja católica, onde era adepta, para uma confissão com o padre. Ele, idoso, conservava uma fisionomia séria, buscando preservar os bons costumes e sabedor dos impropérios dela, se pôs a ouvi-la. No final, aconselhou-a dentro do mais profundo amor, avisou-a que Deus poderia não perdô-la por tanta maldade na criação de situações de desconforto no próximo.

O tempo passava e Maricota veio a apresentar uma doença estranha, fazendo-a acomodar-se no hospital da cidade. Neste hospital ela permaneceu por um tempo relativamente longo, sem que do mal se livrassa. Com o correr do tempo, foi melancolizando e demonstrando fraqueza orgânica com feições cadavéricas, devido à impossibilidade de ingerir alimentos.

Os filhos se acomodavam a assistência da filha Dircé no controle e na execução das tarefas domésticas, enquanto Maricota sofria no hospital sem chance de uma melhora, acusando piores sintomáticas como fortes dores no esôfago e na traquéia.

A presença dos médicos era constante, até que um deles, especializado no aparelho digestivo, levantou a hipótese de um tumor canceroso nos dois condutores alimentares.

Fome, sede, ressecamento da pele, da língua e dos lábios, tudo provocado pela pouca ingestão de líquidos. As fortes dores já não permitiam mais a fala, daí ela passou a se comunicar por mímica. Esta situação persistia por cerca de um ano.

Numa manhã de domingo, estava Maricota livre dos movimentos do corpo, se fazia inerte, num desespero incontestável.



## *Inimizades*

Dona Maricota, desencarnada, passava por um processo difícil, colhendo os resultados de um passado onde angariou muitos inimigos. As inimizades eram sem dúvida, os motivadores do desconforto de um grande número de irmãos. Através da calúnia e dos impropérios proferidos, ela veio a instalar-se no umbral, com grandes dificuldades de movimentação e até mesmo de raciocínio perfeito.

Maricota estava postada em uma escuridão ímpar, contando apenas com a ajuda de um irmão que por lá passava para lhe deixar algum alimento arrefecedor do perispírito. Isso era raro porque muitas vezes era impossível lá chegar, rodeada como ela estava de viajadores caluniados do passado. Sofreu por muito tempo, até que esse irmão, Josildo, resolveu conduzi-la para onde tivesse uma recuperação perispiritual, possibilitando destiná-la a uma reencarnação que propiciasse resgatar seus erros e que obtivesse o necessário aprendizado, dentro da decisão da espiritualidade. Maricota já experimentava uma situação constrangedora, porque pôde recuperar os seus sentidos. O hospital onde por hora ela estava morando, tratava desses assuntos.

Anos se passaram e Maricota, mais recuperada das doenças que teve no corpo físico, já orava juntamente com a irmandade num programa diário. Um dia, dela se aportou um irmão da espiritualidade que lhe perguntou:

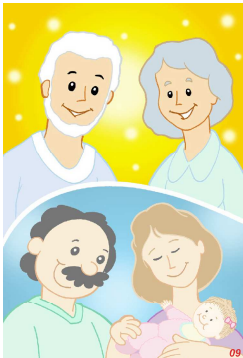
- Como vai a nossa irmã querida?

Maricota levantou o rosto e lhe respondeu:

- Agora estou bem.

O irmão muito bondosamente, lhe disse que seu retorno a Terra era inevitável, e que com ele viria à parte missionária. Disse que haveria um processo de preparação sob a responsabilidade de irmãos especialistas nesse setor, e que ela deveria então a se predispor a aceitar aquela missão na Terra, numa nova vida com duração aproximada de setenta anos.





Maricota se empolgou com a notícia:

- Quando vai ser?

O irmão respondeu que o seu retorno estava em curso, faltando apenas uma mais apurada abordagem dos ensinamentos cristãos.

O retorno de Maricota estava sendo previsto para ocorrer na condição de surda e muda, tendo apenas os sentidos visuais funcionando. Para tanto, estavam aprontando um casal que tinha resgates de natureza relacionada, para receber Maricota como filha.

Surpresa muito grande foi perceber que o seu futuro pai, também mudo, havia sido aquele barbeiro com quem trocava informações maliciosas a respeito da vida alheia.

Maricota, então renomeada com o nome de Maria Angélica, nasceu numa família de classe média, com o pai mudo e a mãe com uma deficiência do membro superior direito.

O pai trabalhava numa fábrica fazendo serviços de garimpeiro na produção e sua mãe, era arrumadeira de prateleiras, organizando as caixas de produtos fabricados.

Sua infância foi difícil, a dependência a acompanhava completamente. Aos doze anos, estudava com grande esforço, numa escola especializada em surdos-mudos.



## Reflexão

Desta forma devemos dar um ouvido melhor aos nossos impulsos doentios, não fazendo valer em nossa vida a mentira, a calúnia, o descaio pela reputação do próximo.

Sócrates, em sua passagem pela Terra nos deixou, entre tantas, a história das três peneiras:

"Certa feita, um homem ofegante se aproximou de Sócrates e sussurrou-lhe aos ouvidos:

- Escuta, na condição de seu amigo, tenho alguma coisa muito grave para dizer-lhe, em particular...

- Espere!... - disse o sábio prudente. Já passou o que me vai dizer pelas três peneiras?

- Três peneiras? - perguntou o visitante, espantado.

- Sim, meu caro amigo, as três peneiras. Vamos observar se sua confidência passa por elas.

- A primeira é a peneira da verdade. Você tem absoluta certeza de que aquilo que pretende comunicar é verdade?

- Bem - pensou o outro - assegurar mesmo, não posso...

Mas ouvi dizer... então...

- Exato. Decerto analisou o assunto pela segunda peneira, a da bondade. Ou seja, ainda que não seja real o que julga saber, será - que pelo menos é bom o que você quer me contar?

Hesitando, o homem replicou:

- Isso não... Muito pelo contrário...

- Ah! - tornou o sábio - então vamos a terceira peneira: a da utilidade. Vamos ver o proveito que podemos obter disso que está lhe perturbando...

- Útil?!... - considerou o visitante, ainda agitado. - Útil não é...

- Bem - arrematou o filósofo, num sorriso - se o que você tem a me contar não é verdadeiro, nem bom e nem útil, vamos esquecer o problema; não se preocupe com ele, já que nada valem os casos que não nos edificam!"



(Fonte: Irineu L. psicografado por Francisco Cândido Xavier - Grupo Espírita Os Mensageiros)

Antes de falarmos, devemos submeter  
o assunto a proferir as três peneiras.  
A primeira é sabermos se o que vamos falar é verdade.  
Se for verdade, passamos para a segunda peneira que é  
a bondade, perguntando para nós mesmos:

O que tem de bondade no que vou proferir?  
A terceira peneira é perguntar se há necessidade de falar,  
pois, muitas vezes, é melhor nos mantermos calados.

*Deus esteja connosco.*

